

FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA EM NIETZSCHE E FREUD

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Marcia de Oliveira ¹

Apoio: PIBIC CNPq

Angela Zamora Cilento²

CEFT - Centro de Educação, Filosofia e Teologia¹

<marciade.oliveira@mackenzista.com.br>

< **angela.rezende@mackenzie.br** >

2025

¹ Licencianda do Curso de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2025.

² Professora do Curso de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora pelo Programa de Educação, Arte e História da Cultura desta Instituição. Mestre, bacharel e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO: Objetivamos nesta pesquisa estabelecer alguns pontos de intersecção entre Nietzsche e Freud no que concerne à formação da consciência. Iniciamos com a influência das leituras de Schopenhauer para estes teóricos da cultura e reiteramos que Filosofia e Psicanálise partem de campos epistemológicos diferentes, o que não invalida as aproximações realizadas. O primeiro ponto de intersecção é que ambos realizam um recuo hipotético na história para averiguarem e analisarem as origens do processo civilizatório e seus impactos nos âmbitos individual e coletivo, fazendo emergir a consciência moral ao longo do processo. O segundo ponto destaca a relação entre os instintos e a formação da consciência, enquanto parte superficial que emerge de toda atividade psíquica do homem. Por fim, apontamos algumas ideias-chaves para a compreensão da origem, consolidação e valor da linguagem para genealogista e para o acesso ao inconsciente na hermenêutica psicanalítica.

Palavras-chave: Consciência; instinto; processo civilizatório; linguagem.

ABSTRACT: In this research, we aim to establish some points of intersection between Nietzsche and Freud regarding the formation of consciousness. We begin with the influence of Schopenhauer's readings on these cultural theorists and reiterate that Philosophy and Psychoanalysis originate from different epistemological fields, which does not invalidate the approaches they have made. The first point of intersection is that both take a hypothetical step back in history to investigate and analyze the origins of the civilizing process and its impacts on the individual and collective spheres, giving rise to moral consciousness throughout the process. The second point highlights the relationship between instincts and the formation of consciousness, as a superficial part that emerges from all human psychic activity. Finally, we highlight some key ideas for understanding the origin, consolidation, and value of language for genealogists and for accessing the unconscious in psychoanalytic hermeneutics.

Keywords: Consciousness; instinct; civilizing process; language.

1. INTRODUÇÃO

A oportunidade de explorarmos a formação da consciência à luz das perspectivas de Nietzsche e Freud e de realizarmos uma interlocução entre esses dois teóricos da cultura, alinha-se com nosso projeto de aprofundar e compreender o próprio homem. Cumpre destacar que Filosofia e Psicanálise pertencem a campos epistemológicos diferentes. No entanto, é possível realizar aproximações, pois há uma necessidade do psicanalista de recorrer às fundamentações filosóficas, em especial, à filosofia schopenhaueriana que, por sua vez, foi apropriada e criticada por Nietzsche, posteriormente.

Schopenhauer parte da imanência – do corpo –, recusando, portanto, toda herança da tradição metafísica: em primeiro lugar, a **vontade** passa a ser entendida como o caráter inteligível do mundo, é a grande ‘artesanã’ de todo o universo, caracteriza-se por um impulso (*Trieb*³), completamente irracional e em incessante atuação. Esta vontade presente no universo é a fonte inesgotável de todos os fenômenos.

Em decorrência, diante da ‘metafísica da vontade’, Schopenhauer acaba por depor o lugar do **sujeito pensante**, anulando a ideia de que é a razão a essência do homem para reafirmar o **corpo**. Um dos cerne da filosofia schopenhaueriana vincula-se às questões propostas por Kant no que tange à diferenciação entre fenômeno e “coisa em si”. Para Kant, estamos presos aos fenômenos, às representações, e não é possível ao homem atingir a essência das coisas. Deste modo, a representação é condição necessária para o conhecimento das coisas, porém a coisa em si não é representável. Por seu turno, para Schopenhauer, a representação só é possível por intermédio do corpo, denominado de objeto imediato:

dele depende a intuição de todos os demais objetos da experiência, que serão objetos apenas mediatos. Os objetos apresentam-se na medida em que produzem modificações no corpo (nos órgãos sensoriais), ou seja, sensações. O corpo, ele ainda então objeto entre objetos do mundo da experiência, é aquilo que faz a ponte entre as representações imediatas e as representações de coisas reais. (SOARES, 2009, p.43)

Em outros termos, Schopenhauer reitera que no corpo há uma gama de sensações subjetivas provocadas pela multidão de outros corpos no mundo e apenas no tempo, com a capacidade do entendimento, o homem conseguirá conceber a representação das coisas reais. Este corpo, inundado de sensações, pertence a uma instância subjetiva enquanto a representação assume um caráter objetivo que pertence à autoconsciência. O próprio corpo, retifica

³ Em *Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb*, Gilberto Gomes realiza uma digressão sobre o conceito de Trieb que encontra como sinônimo a palavra ‘instinto’ que concerne aos animais. Menciona que os termos não são estranhos a Freud. Em *Psicologia Das Massas E Análise Do Eu*, o Psicanalista se vale do termo, ‘instinto de rebanho’ - termo que também será utilizado por Nietzsche, para tratar do instinto gregário do homem. Nos textos de Freud, afirma Gomes, Freud nunca utilizou a palavra ‘instinto’, embora não tenha feito objeções à esta tradução. Prefere utilizar o termo ‘pulsão’. A partir de 1920, o autor explicita que Freud vai criar um conceito de pulsão que se explicita em *Além do Princípio do Prazer*, criando as referências de pulsão de vida e pulsão de morte, que regem toda a vida orgânica do geral. A pulsão de morte é mais profunda que a pulsão de vida, conduzindo tudo o que é vivo ao estado inorgânico. Tema que também será estudado por Nietzsche. A profa. Angela Zamora Cilento, em sua tese de doutorado, enfatiza a formação de Nietzsche em filologia clássica, demarcando as influências deste termo desde o romantismo alemão. Termo este inicialmente ligado à estética, de modo especial, no movimento *Sturm and Drang*. Nietzsche compreende que a natureza é abundante e por sua plenitude, cria formas. É a partir da herança schopenhaueriana que, posteriormente elaborará a doutrina da vontade de potência: a vontade é algo presente em todos os seres, orgânicos e inorgânicos. (CILENTO, 2022)

Schopenhauer, possui objetividade no mecanismo do conhecimento. Em suas investigações, o pensador alemão, afirma que a vontade é “*idêntica* ao corpo próprio. Cada ato da vontade aparecerá objetivamente como um ato corporal.” (SOARES, 2009, p.55). De objeto imediato, em sua filosofia mais madura, o corpo passará a ser “o sujeito do querer, a vontade, que se apresenta à consciência sob a forma do tempo.” (SOARES, 2009, p.56). Contudo, o corpo ultrapassa os limites da representação, porque nele habita uma instância completamente irracional, que é a vontade: uma vontade de viver que também pertencem aos animais. Neste sentido, o corpo é um todo que se movimenta a partir da vontade. Daquilo que o homem consegue depreender desta vontade, surge a **consciência**.

Como leitores do pensador alemão, em primeiro lugar, podemos inferir que Nietzsche e Freud, reafirmam a presença de uma instância que excede à consciência: o mundo psíquico não está limitado a ela, é apenas a ponta de um gigantesco Iceberg, denominado inconsciente, bem como encontram as relações entre os processos mentais e físicos e sua relação com os instintos. Outros pontos concernentes a esta herança não serão discutidos aqui, em virtude do espaço disponível para esta pesquisa.

Em segundo lugar, vale a pena destacarmos que a **psicologia recebe um novo significado e uma nova tarefa**: em Nietzsche passa a ser “a senhora de todas as outras ciências, na medida em que por ela passaria o caminho que conduz aos problemas fundamentais do espírito” (GIACÓIA JR, 2001, p.09). Afirma o pensador: “Antes de mim não havia absolutamente psicologia. – Ser nisso o Primeiro pode ser uma maldição, é em todo caso um destino: por ser também o Primeiro a desprezar...”⁴ (NIETZSCHE, 1995, p.106)

Certamente, Nietzsche não desconhecia a psicologia do seu tempo, entendida “como doutrina teórica da alma, da subjetividade ou da *psique* (...)” ou “ignorasse o desenvolvimento da psiquiatria, da psicologia empírica do século XIX” (GIACÓIA JR, 2001, p.20), pelo contrário, a conhece e a estuda intensamente. O interessante é que reivindica para si, a denominação de psicólogo. Nietzsche pretende arruinar as bases da metafísica que asseguram a permanência da filosofia e da psicologia, pois apreende que a relação entre psique e consciência é limitada e superficial – a psique abriga uma outra instância, o inconsciente.

Para tanto, a tarefa desta nova psicologia seria a de ultrapassar os procedimentos reducionistas operados até então e, portanto, deve caminhar em outras frentes, como, por exemplo, em direção à análise da estrutura gramatical e da fisiologia da própria cultura ao desvelar os seus valores – se são ou não afirmativos em relação à vida, bem como sua relação com a Vontade de Potência. A psicologia serve como uma valiosa chave de leitura para a compreensão das questões desenvolvidas na filosofia nietzschiana, elemento de seu grande projeto: a Transvaloração dos Valores.

Para Freud, a psicologia não se reduz a uma mero estudo sobre os “conteúdos da consciência”, recusando-se a fazer da psicanálise apenas a correlação entre a consciência e o mental, a partir do Método de Livre Associação em contraposição à hipnose. Este conceito será ampliado com a finalidade de compreender os

⁴ NIETZSCHE, F. EH/EH, Por que sou um destino,6.

processos como o sentir, o pensar e o querer, e é obrigada a sustentar que existe o pensar inconsciente e o desejar não apreendido. Dizendo isso, de saída e inutilmente ela perde a simpatia de todos os amigos do pensamento científico solene, e incorre abertamente na suspeita de tratar-se de uma doutrina esotérica, fantástica, ávida de engendrar mistérios e de pescar em águas turvas. (FONSECA *apud* FREUD, ESB XV, p. 34, 2009, p.174).

Esta nova psicologia, portanto, assume a tarefa de desconfiar dos produtos da própria racionalidade, colocando-os em xeque, ao apreender a existência dos instintos/impulsos (*Trieb*) e do inconsciente. Para ambos, a psicologia até então em vigor, não chegou às profundezas.

No que concerne à formação da consciência e de suas relações com o inconsciente, nem Nietzsche, nem Freud, objetivam localizar uma região do aparelho anatômico, mas de “circunscrever uma região do psíquico que pode ser objeto de ciência” (GIACÓIA JR, 2001, p.23), antes, estão voltados à compreensão desta relação entre o físico e o mental.

Para Itaparica:

Nietzsche se preocupava em entender a relação entre físico e o mental através de uma teoria dos impulsos de caráter psicofísico. Enquanto para Freud o impulso era uma forma de estímulo fisiológico com correlatos psíquicos, para Nietzsche os impulsos humanos eram uma ramificação orgânica da vontade de potência, que teria também o seu correlato psicológico (o sentimento de potência). A própria psicologia, segundo ele, deveria ser entendida como ‘morfologia e teoria do desenvolvimento da vontade de potência’ (ITAPARICA, 2021, p. 20, *apud* JGB/BM 23, KSA 5.38).

Se encontramos semelhanças e convergências nestes grandes teóricos da cultura, como, por exemplo, a fundamentação teórica à luz da filosofia de Schopenhauer e suas vertentes - a aceitação da presença do inconsciente e da vontade e de imporem uma nova concepção e tarefa à psicologia de seu tempo, há também pontos de ruptura.

Estamos cientes de que o espaço disponível para esta pesquisa não é suficiente para expor todos os meandros e detalhamentos que seriam necessários na apresentação de cada autor. Para tanto, nosso referencial teórico se limitará a estabelecer a partir de três tópicos estas relações, a saber: o recuo hipotético na história, a fim de investigar as origens da formação da consciência; o entendimento de que o homem é um animal orgânico, composto por instintos e reflexos; a relação entre consciência, instinto gregário e linguagem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Com a finalidade de salvaguardar os desdobramentos específicos de Nietzsche e Freud, optamos por trabalhar por temas, para melhor compreensão do referencial teórico.

2.1.O recuo hipotético na história: a questão da origem da consciência moral

Nietzsche e Freud promovem, assim como os contratualistas⁵, um recuo hipotético na pré-história do homem, porém não o tratam como os pensadores ligados à metafísica ou à corrente utilitarista. Pretendem apresentar o “presumivelmente ocorrido na pré-história da espécie e recuperado hipoteticamente pela reflexão filosófica.” (GIACÓIA JR.,1989, p.106). Tal

⁵ Nietzsche não parte da doutrina contratualista – no sentido de que há um contrato, mas procura investigar a origem (a pré-história da humanidade) para investigar o presente.

reflexão, portanto, implica olhar para a história sem atribuir a ela uma origem sagrada e atemporal, antes estes autores buscam elucidar sobre os verdadeiros começos - sangrentos, banhados de horror e sangue, repletos de crueldade - detectando sua verdadeira origem (procedência).

Apontam que este recuo histórico e suas transposições não ocorreram de forma linear, como se todos os acontecimentos fossem regidos por uma lei de causa e efeito. Pelo contrário, não há um fio condutor e nem há uma teleologia. Encontraremos estas ideias em Nietzsche, nas palavras do prof. Giacóia, mas podem ser estendidas para as ideias do psicanalista.

Diante deste ponto de vista capital de metódica histórica seguido por Nietzsche em sua genealogia da moral, deve-se renunciar à tentação de tomar a cadeia de transposições a seguir reconstituída como se nela se descrevesse a trajetória de uma linearidade sem lacunas, ou como se fossem seus elos constitutivos principais equivalentes e etapas necessárias de uma progressão natural dirigida à realização de um fim previamente fixado. (GIACÓIA JR, 1989, p.114)

Vejamos, então, como o genealogista encaminha esta questão. Ao assumirmos a classificação proposta por Marton, consideramos que em Nietzsche, encontraremos três fases que se interconectam, mas são distintas pelo tratamento dos temas que se propõe a tratar: os *escritos de juventude* (1871-1876), os da fase *intermediária* (1878-1882) e os de *maturidade* (1882-1888) que se inscrevem a partir da instauração do método genealógico.

Em *Sobre Verdade e Mentira* (1873), encontramos as primeiras reflexões do jovem pensador acerca das relações entre a *natureza orgânica* do homem, a *formação da consciência* e o desenvolvimento da *linguagem*. Nesta obra, Nietzsche apresenta alguns temas que atravessarão todas as suas obras posteriores. Já nos primeiros parágrafos, observamos algumas afirmações que serão desenvolvidas na *Genealogia da Moral*. A primeira delas concerne à ideia de que o homem, diante de todos os outros animais, é o mais desafortunado e o mais frágil e se não fosse equipado com um ‘excesso’ – o intelecto, não teria sobrevivido. A segunda é que o “homem quer, ao mesmo tempo, existir socialmente e em rebanho, por necessidade e tédio, ele necessita de um acordo de paz e empenha-se então para que a mais cruel *bellum omnium contra omnes*. ”⁶ (NIETZSCHE, 2012, p.29)

Quando do desenvolvimento do método genealógico, o pensador alemão explora esta passagem. Antes, o homem era livre e podia exercer plenamente seus instintos, sem qualquer restrição, “um bicho-homem”. Em um dado momento, a fim de que pudesse viver social e gregariamente, teve que aprender a obedecer às leis arbitrárias que foram estabelecidas pela comunidade, possibilitando a criação de relações estáveis. Processo este que impõe uma longa coerção – implicando um grande processo de adestramento, onde cada membro deve obediência aos costumes recentemente estabelecidos. O homem torna-se um animal avaliador, algo que configura a própria noção de civilização – aprendendo a comprar, vender, avaliar e medir, estabelecendo o valor de cada coisa. Para Nietzsche, originalmente, estas relações **credor/devedor** (“*Obligatio*”), situam-se na capacidade de calcular, estabelecer preços,

⁶ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1, p.29.

encontrar equivalências. Isto se configura como sendo o “grau mais baixo das formas sociais de organização e associação humanas”. (GIACÓIA JR, 1989, p.114)

A comunidade, então, acolhe cada membro e como devolutiva, deve cumprir com a palavra empenhada. O infrator, aquele que prejudica a comunidade será punido exemplarmente. O que importa aqui é destacarmos que a própria noção de civilização está centrada nas relações de crédito e débito (*Schuld*) que pertencem ao direito penal. Para tanto, o homem precisou desenvolver a memória – algo complicado, considerando sua constituição orgânica – precisou lutar contra o esquecimento⁷ para que pudesse se lembrar a tempo das leis arbitrárias recentemente estabelecidas, favorecendo a criação do que Nietzsche denomina ‘moralidade do costume’.

Estas relações entre credor/devedor, explicitadas pelo pensador alemão ao longo da *Genealogia da Moral*, foram transpostas com o tempo para as relações entre a geração presente com as suas antecessoras, de modo especial, com a primeira, fundadora da estirpe. Para estas comunidades, são as gerações anteriores que protegem e promovem a prosperidade, encaminhando a relação entre devedor e credor para uma relação supra pessoal. Deste modo, a geração presente sente-se em débito para com as gerações passadas, acreditando que está em permanente dívida

Na originária comunidade tribal – falo dos primórdios – a geração que vive sempre reconhece para com a anterior, e em especial para com a primeira, fundadora da estirpe, uma obrigação jurídica (e não um mero vínculo de sentimento: seria lícito inclusive contestar a existência deste último durante o mais longo período da espécie humana). A convicção prevalece de que a comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados – e de que é preciso lhes pagar isso com sacrifícios e realizações: reconhece-se uma *dívida* (“*Schuld*”), que cresce permanentemente, pelo fato de que esses antepassados não cessam, em sua sobrevivência como espíritos poderosos, de conceder à estirpe novas vantagens e adiantamentos a partir de sua força⁸. (NIETZSCHE, 1998, p.71, grifo do autor)

Para Nietzsche, a origem do sentimento religioso advém deste sentimento de dívida para com a divindade: em cada cultura, encontraremos oferendas que variam desde flores e frutos até o sacrifício de animais ou de humanos, como uma espécie de indenização por toda proteção e bem-estar. Para o pensador alemão, foram precisamente estas relações entre credor-devedor que adestraram o homem por meio da força e penalidades cruéis, reprimindo seus *instintos* (*Triebe*).

Disto decorre que, por um lado, esta trajetória dotou o homem de uma forma – do ‘bicho-homem’ a um ser capaz de fazer uma promessa. Tornou-o responsável: capaz de prometer porque dotado da memória da vontade. Em segundo lugar, o homem, diante destas transposições não lineares, também passou a interiorizar os seus instintos, reprimidos pela cultura, bem como passou a ter uma consciência de culpa, visto que reconhece a própria

⁷ O homem, aqui é entendido como um animal cuja natureza é esquecer.

⁸ NIETZSCHE, F. GM/GM, II, 19.

pequenez ante a divindade e que não tem o poder de pagar a imensa dívida. Este sentimento de culpa desloca a discussão para o âmbito moral.

Por seu turno, Freud recorre à mesma analogia da dívida⁹ aos ancestrais e da psicologia da interiorização a partir da repressão dos impulsos (SOARES, 2009, p.193), buscando encontrar uma origem comum para o sentimento de ‘má-consciência’ e ‘angústia da consciência’ em *O Mal-estar da Civilização*. O psicanalista afirma que os primórdios da organização social estão fundamentados na

culpa comum (Mitschuld) pelo crime de todos, a religião na consciência de culpa e no remorso (Schuldbewusstsein und Reue), a eticidade (Sittlichkeit), ou restrições éticas impostas, em parte pelo tabu nas necessidades da sociedade, cuja permanência exigia a instituição da exogamia, em parte na expiação exigida pela consciência de culpa. (GIACÓIA JR, 2004, p.126)

Assim, encontramos em Nietzsche e em Freud a repressão dos instintos por meio do processo civilizatório. Os homens, portanto, nesse período primevo, renunciaram aos instintos – que não foram extintos, mas continuam pulsando. Ora, é justamente este movimento que cria a consciência: condição necessária para o estabelecimento do Superego na psicanálise, fator de vital importância na construção da civilização. No *Mal-Estar da Civilização*, Freud reconhece que tal repressão provoca a hostilidade entre os homens e discorre sobre a infelicidade causada por esta renúncia.

Esta preocupação com a gênese da consciência moral marca um importante traço entre a genealogia de Nietzsche e a metapsicologia de Freud, na medida em que constitui ambas derivações genéticas, cuja tarefa principal consiste em reconduzir formações culturais complexas (instâncias psíquicas, práticas e instituições sociais, sistemas orgânicos) às (pré-)históricas de surgimento, transformação e desenvolvimento. (...) por intermédio da decifração de sinais inscritos nos corpos e nas almas dos indivíduos e povos. (GIACÓIA JR, 2001, p.105)

Em nossa análise comparativa, podemos afirmar que ambos compreendem o homem como um **ser orgânico**, composto por reflexos e instintos, e que o processo civilizatório ocorreu mediante a inevitável repressão desses instintos, estabelecida por leis arbitrárias que se colocam como costumes, exemplificadas pelo assassinato do Pai primordial. Convém sublinhar que a noção de dívida, calcada na relação credor/devedor dará início à moralidade, e em Freud, como veremos, estende-se ao sentimento de culpa e remorso que se introjetam a partir do complexo de Édipo.

2.2. As relações entre os instintos e a formação da consciência

⁹ Freud em *Totem e Tabu* explica esta questão ilustrado pelo assassinato do pai primordial, reconstituindo a origem da religião e da sociabilidade. “Um dia os irmãos expulsos se juntaram, mataram e devoraram o pai, pondo fim, dessa maneira à horda paterna. Unidos, ousaram e conseguiram aquilo que a cada um deles isoladamente não seria possível. (Talvez um progresso cultural, a posse de uma nova arma, tenha lhes dado o sentimento de superioridade.) O pai tirânico foi certamente temido e invejado modelo de cada um dos membros da irmandade. Ao devorá-lo, realizaram a identificação com ele e cada um se apropriou de uma parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e o memorial comemorativo deste ato memorável, criminoso, com o qual tanta coisa teve início: as organizações sociais, as restrições éticas e a religião.” (GIACÓIA JR *apud* Freud, 2001, p.126)

Vimos no item anterior que o homem em sua pré-história foi obrigado a desenvolver uma faculdade nova – a memória –, que no início não fazia parte de sua constituição orgânica. Como ser orgânico, repleto de reflexos e instintos, tal como os outros animais, teve que lutar contra o esquecimento para lembrar-se das leis arbitrárias recentemente estabelecidas. Ora, tal constatação nos impele a indagar quem é o homem e como se formou a consciência humana, instigando-nos a descobrir uma chave de leitura para respondê-la.

Em *Sobre Verdade e Mentira*, o pensador alemão afirma: “É curioso que isso seja levado a efeito pelo intelecto, precisamente ele, que foi outorgado apenas como instrumento auxiliar aos mais infelizes, frágeis e evanescentes dos seres, para conservá-los um minuto na existência¹⁰.” (NIETZSCHE, 2012, p.26). O intelecto, então, passa a ser visto como faculdade decisiva para a perpetuação humana. Não obstante, tal constatação não esgota o problema que nos propomos investigar.

Assim como em Schopenhauer, encontramos em Nietzsche a refutação da apreensão de que o homem deve ser definido apenas pela racionalidade: há uma vontade que impera em todos os seres vivos no geral, constituindo uma crítica à metafísica clássica. Desta forma, o homem configura-se como um ser orgânico, dissolvendo assim o dualismo psicofísico tradicional entre alma e corpo.

Contudo, Nietzsche supera seu mestre Schopenhauer, quando afirma que a Vontade não é uma – o que constitui o homem, na verdade é uma ‘pluralidade de eus’ – ou de vontades que anseiam por domínio, o que em seus escritos nos levará à teoria da Vontade de Potência. A consciência é apenas uma atividade da psique, o que desloca a questão sobre a consciência/alma a uma outra instância.

não é necessário, absolutamente, livrar-se com isso da ‘alma’ mesma, renunciando a uma das mais antigas e veneráveis hipóteses: como sói acontecer à inabilidade dos naturalistas, que mal tocam na ‘alma’ e a perdem. Está aberto o caminho para novas versões e refinamentos da hipótese da alma: e conceitos como ‘alma mortal’, ‘alma como pluralidade do sujeito’ e ‘alma como estrutura social dos impulsos e afetos’ querem ter, de agora em diante, direitos de cidadania na ciência. (NIETZSCHE, 2005, p.18/19)

Cumpramos observar que, para Nietzsche, não há necessidade de abolirmos o termo “alma”. Todavia, ele será reconfigurado. Nesse sentido, a alma passará a ser entendida como pluralidade do sujeito. Em outros termos, se vida é vontade de potência – isto é, se tudo o que é vivo (dos seres unicelulares aos organismos mais complexos) tende a expandir-se o máximo possível –, então a conservação constitui-se como instância secundária. Nesta expansão, porém, tanto organismos unicelulares quanto corpos mais complexos, deparam-se com outros organismos da mesma vontade, de modo que a luta é inevitável. “Com o embate, uma célula passa a obedecer a outra mais forte, um tecido submete-se a outro que predomina, uma parte do organismo torna-se função de uma outra que vence – durante algum tempo. A luta propicia que se estabeleçam hierarquias.” (MARTON, 1990, p.30).

¹⁰ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

Dá-se, portanto, um sistema de vassalagem e de assenhoreamento. Este sistema não é de caráter permanente ou definitivo, pois há resistência dos vencidos. O corpo é constituído pelo embate entre estas células que lutam incessantemente e são dispostas hierarquicamente, fazendo com que as células vencidas se tornem órgãos de outras partes. O que há, portanto, é uma multiplicidade de seres unicelulares – ou de indivíduos – que querem ‘mandar’.

Esta concepção nietzschiana refuta por completo a metafísica e o dualismo psicofísico proposto pela filosofia cartesiana: por um lado, é por comodidade que entende o corpo como uma unidade indivisível e harmônica; por outro, destitui a premissa segundo a qual a essência do homem é “pensar” (*rés cogitans*), como se o sujeito racional fosse o único causador da ação.

O sujeito, para Nietzsche, portanto, é o resultado de uma produção posterior, ele é o resultado das lutas entre os diversos instintos presentes no corpo, atuando de forma contraditória. Há inúmeros “eus” que habitam o homem e cada um deles pretende dominar, são afetos de mando. A própria razão, em certo momento da história da cultura ocidental, aos olhos do pensador alemão, é um instinto que se sobrepujou aos demais. "Mas não existe um tal substrato, não existe 'ser' por trás do fazer, do atuar, do devir; o 'agente' é uma ficção acrescentada à ação - a ação é tudo"¹¹ (NIETZSCHE, 1998, p.33). A consciência, enquanto expressão da racionalidade, não é outra coisa senão o resultado de atividades inconscientes atuantes no corpo: os instintos e as paixões. Estes afetos de mando – vontade de potência – atuam em cada ser vivo e no homem.

Importa considerar igualmente a íntima relação entre consciência e razão que se consolidou na história ocidental. Vale salientar que a própria razão, em certo momento dessa história, aos olhos do pensador alemão, é um instinto que se sobrepujou aos demais¹². Este período coincide com o fenômeno socrático-platônico, quando Sócrates diagnostica a anarquia dos instintos – iminência do caos – e como os “impulsos querem ser tiranos há que se encontrar um tirano contrário que seja mais forte¹³”. (NIETZSCHE, 1985, p.26). Para Nietzsche, é este momento histórico que se fez da razão a tirana de todos os outros instintos, substituindo o homem trágico pelo teórico – a “afirmação da crueldade da existência cedeu lugar ao otimismo do saber, a febre de viver à serenidade – opôs-se a vida à ideia.” (NIETZSCHE, 1985, p.94).

Assim, os frutos da razão – a metafísica, a moral e a ciência – anseiam não apenas conhecer, mas pretendem corrigir o mundo, desprezando a aparência, o devir, a ilusão, o sonho para privilegiar seus contrários ao longo da história.

As leituras schopenhauerianas também servem de referencial teórico para as reflexões promovidas por Freud: o homem, sob uma nova perspectiva, é constituído por uma instância que não é da ordem do racional – teoria do inconsciente. Entrelaçada a esta, por meio de suas

¹¹ NIETZSCHE, F. GM/GM. I, 13.

¹² Para Nietzsche, a eleição da racionalidade como único critério para desvelar o mistério do mundo é sintoma de decadência. “Sócrates foi um equívoco, toda a moral de aperfeiçoamento, ainda a cristã foi um equívoco... A mais ofuscante luz do dia, a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cuidadosa, consciente, sem instintos era apenas uma doença, uma outra forma de enfermidade – e de modo algum o regresso à ‘Virtude’, à ‘Saúde’, à ‘Felicidade’. Ter de combater os instintos – eis a fórmula da *decadence*”. (NIETZSCHE, F. GD/CI, O problema de Sócrates, 11).

¹³ NIETZSCHE, F. GD/CI, O problema de Sócrates, 10.

observações empíricas e contra todas as teorias anteriores, Freud afirma a existência da sexualidade infantil e reitera que a maioria dos distúrbios da psique tem origem na infância.

Na psicanálise, encontramos três elementos seminais para esta compreensão: id, ego e superego, que, em permanente tensão, desenvolvem a consciência. Desde o nascimento, o homem dispõe de uma energia vital, denominada de libido, e a criança buscará encontrar o que precisa para satisfazer os seus desejos. A libido é uma pulsão em busca de gratificação – “princípio do prazer”. Fonseca afirma que, para o pai da psicanálise, o impulso é “uma força poderosa, radical, e indeterminada, atemporal, arcaica e avaliativa e própria não só dos organismos complexos, mas do conjunto integral da natureza” (FONSECA, 2009, p.84).

Para Freud, o id deseja a satisfação imediata do prazer, o que implica considerarmos que não há qualquer vínculo do id com a moralidade. “O id não conhece nenhum julgamento de valores: não conhece o bem nem o mal, nem moralidade” (OLIVEIRA *apud* Freud, 2005, p.306). O id, por ser inato, permanece com o ser humano por toda a sua existência. Contudo, com o passar dos anos, ele aprende a controlá-lo.

Nesses primeiros tempos, a criança encontra-se em fusão com a mãe, em um estado simbiótico, pois a mãe se torna a maior fonte de gratificação para ela. No entanto, este estado não pode durar para sempre: progressivamente, a realidade externa se impõe à criança, que vai aprendendo que o mundo existe e é independente de sua vontade. Com o tempo, aprende a

Diferenciar os estímulos provenientes do id daqueles oriundos do ambiente. Origina-se assim, a partir desse momento, um processo de diferenciação de um primitivo ego a partir do id. O ego, nesse momento ainda primitivamente organizado, será o mediador entre os impulsos do id e o ambiente, a fim de encontrar meios de executá-los. Essa função de mediação é fundamental para o desenvolvimento do sujeito. (OLIVEIRA, 2005, p.307)

São três elementos em conjunto que atuam no homem e cada um deles orienta a suas ações e relações no mundo, implicando em grande complexidade. O id, conhecido como princípio de prazer, é inato e impulsiona o homem a buscar a saciedade imediata de suas vontades. No entanto, a educação e as pressões sociais presentes afetam a criança, principalmente a partir dos cinco anos de idade da a tal ponto que ela passa a introjetar as regras, fazendo emergir o superego: a criança passa a assimilar os comportamentos aprovados pela sociedade, bem como modelos de autoridade, desenvolvendo os sentimentos de culpa e remorso¹⁴.

E, por fim, o ego, que é responsável pela equalização entre o desejo proveniente do id e as normas sociais. Relacionado ao ego se encontra a consciência - é apenas uma parte da psique, de modo que o inconsciente, para Freud, também guia os sentimentos e as ações¹⁵. Freud compreende a consciência não como essência constitutiva do psíquico, antes, como mera qualidade que pode estar presente ou não. Como apontado por ele, “a psicanálise não pode pôr

¹⁴ O conflito entre o ego e o superego pode levar à neurose que é a repressão de certos pensamentos no inconsciente, provocando doenças.

¹⁵ Os lapsos e atos falhos corroboram a ideia de atuação do inconsciente.

a essência do psíquico na consciência, mas é obrigada a ver a consciência como uma qualidade do psíquico, que pode juntar-se a outras qualidades ou estar ausente, em que “o nosso conhecimento está sempre ligado à consciência.” (FONSECA *apud* Freud, 2009, p.56)

que a consciência é a superfície do aparelho psíquico, isto é, atribuímo-la, como função, a um sistema que espacialmente é o primeiro desde o mundo externo. Espacialmente, aliás, não apenas no sentido da função, mas aí também no sentido da dissecação anatômica. Também a nossa investigação deve ter como ponto de partida esta superfície percipiente. (FREUD, 1923, Vol.16, p.16/326, *grifo do autor*)

Denominado de princípio da realidade, o ego está ligado à consciência e surge a partir do Complexo de Édipo (dos três aos cinco anos de idade). Este, em primeiro lugar, permitiu a Freud esclarecer o funcionamento do inconsciente e da sexualidade humana¹⁶ e do desenvolvimento psicossocial da criança.

Para tanto, calcado na tragédia grega de Sófocles, Freud afirma que é no triângulo familiar que o ego se desenvolve na fase fálica: a criança passa a tomar consciência das diferenças entre os órgãos genitais masculinos e femininos. É nesse momento que ela começa a se interessar pela mãe e passa a perceber o pai como uma figura de rivalidade. Para as meninas, a situação é diferente: elas direcionam seu afeto ao pai e percebem a mãe como uma rival – complexo de *Eléctra* - “o desfecho pode ser uma identificação ou o estabelecimento de uma identificação com a mãe, o que fixará o caráter feminino.” (ORTEGA, 2022, p.31). Para Freud, a maneira como a criança lida com suas vivências nesta fase influencia diretamente a forma como irá desenvolver suas relações amorosas, sua identidade de gênero e a qualidade de seus vínculos afetivos ao longo da sua vida.

Embora, devido às restrições impostas ao espaço disponível para este trabalho, podemos inferir, em primeiro lugar, que para Nietzsche e Freud há uma instância não racional na psique: o inconsciente. De certo modo, as investigações empíricas de Freud, somadas à teoria do inconsciente e da própria sexualidade humana, revelam não apenas a complexidade das tensões que subjazem à psique e, evidenciam por meio dos casos clínicos por ele aplicados, a atuação do inconsciente. Em Nietzsche, a constituição orgânica do homem também revela que próprio corpo é entendido como uma pluralidade de ‘eus’, de afetos de mando que querem dominar. Por isso, as ações não são comandadas pela racionalidade. Em Freud, encontramos esta pluralidade nas tensas relações entre id e superego.

Para ambos, a consciência é apenas uma parte da psique: o ego, enquanto princípio da realidade, pondera entre a vontade, o desejo e as pressões sociais, demarcando uma certa racionalidade. Para Nietzsche, a própria razão é um instinto que se sobrepujou aos demais, mas o próprio ‘eu’ que fala e determina uma certa ação, na verdade, é um entre todos os outros ‘eus’ existentes no inconsciente.

2.3. A relação entre consciência, instinto gregário e linguagem

¹⁶ Na psicanálise, o princípio da realidade é a capacidade do ego em adiar os desejos e se adaptar às normas sociais e ao mundo externo, desenvolvendo-se a partir do Complexo de Édipo na infância.

Não podemos deixar de ressaltar a importância da linguagem para Nietzsche e Freud. Para o primeiro, é por meio dela que o homem se tornou homem – como sempre viveu em bandos, por necessidade e tédio, precisou desenvolver a linguagem para exprimir seus desejos aos outros, nomeando as coisas e, concomitantemente, desenvolvendo sua consciência. Se, por um lado, para Nietzsche, a linguagem é a expressão do instinto gregário do homem, por outro, na linguagem artística ele pode ultrapassar os limites impostos pelas malhas gramaticais que normatizam a comunicação entre os membros de uma comunidade. Neste sentido, não haveria as condições de possibilidade do desenvolvimento do método psicanalítico em Freud, sem o acesso ao inconsciente por meio da interpretação dos sonhos e da associação livre.

Em seus escritos de juventude, encontramos em *Sobre Verdade E Mentira*, de Nietzsche, uma inseparável interação entre **instinto gregário** e a **linguagem**. Desta obra, extrairemos algumas ideias principais. Logo nos primeiros parágrafos, o pensador alemão afirma que o intelecto foi a única dádiva recebida da natureza: “precisamente ele, que foi outorgado apenas como instrumento auxiliar aos mais infelizes, frágeis e evanescentes dos seres, para conservá-los um minuto na existência¹⁷”(NIETZSCHE, 2012, p.26). O intelecto, afirma Nietzsche na sequência, é um excesso. Deste modo, para sobreviver, homem, por ser a espécie mais ameaçada do reino animal e em meio a um mundo hostil, é coagido a viver em coletividade: “mas, porque o homem quer, ao mesmo tempo, existir socialmente e em rebanho, por necessidade e tédio, ele necessita de um acordo de paz e empenha-se então para que a mais cruel *bellum omnium contra omnes*¹⁸. (NIETZSCHE, 2012, p.29)

Em outros termos, o segundo ponto que pretendemos extrair, é que o homem, dentro do processo civilizatório, precisou, como vimos, estabelecer a paz, criando leis arbitrárias e, para tanto, houve a necessidade de se lembrar delas. Neste imbricado processo, precisou também desenvolver uma faculdade oposta ao esquecimento que é a memória.

Podemos inferir que estes três termos estão diretamente relacionados – formação da consciência, desenvolvimento da linguagem e instinto gregário: a origem da linguagem tem desdobramento indissociável à formação da consciência, sob a circunstância premente de socialização. A linguagem logra seu êxito como via de comunicação de signos que simplifica o entendimento mútuo e a cooperação para fins práticos da vida em grupo, se tornando, portanto, ferramenta arbitrária da consciência em atenção à conservação humana¹⁹. (NIETZSCHE, 2012, p.29/30)

Mais adiante no texto, encontraremos a ideia de que a própria linguagem obedece a uma certa legislação, que será retomada pelo pensador nos seus escritos de maturidade. Voltaremos a ela a seguir. Neste momento, achamos pertinente extrairmos mais algumas ideias.

A primeira diz respeito à própria origem das palavras e sua classificação como algo totalmente arbitrário – “Seccionamos as coisas de acordo com gêneros, designamos a árvore

¹⁷ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

¹⁸ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1. Quanto à expressão: *bellum omnium contra omnes* – guerra de todos contra todos, Nietzsche retoma a expressão hobbesiana para o estado de natureza.

¹⁹ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

como feminina e o vegetal como masculino: mas que transposições arbitrárias!²⁰”(NIETZSCHE, 2012, p.31). Para pensador alemão, as palavras e, por conseguinte, a verdade com que estas se relacionam nascem originalmente como uma **teia de ficções** totalmente destituída de correspondência natural ou necessária entre a palavra – o signo linguístico e o objeto que ela se associa – o seu referente.

Destarte, as palavras não estão associadas à ‘coisa em si’, não dizem respeito ‘à essência das coisas’ – aliás, em Nietzsche, até mesmo o conceito de essência foi inventado ao longo desta trajetória histórica –, não passam de “representações fictícias” fabricadas pela consciência e estruturadas pelas “convenções da linguagem”²¹ (NIETZSCHE, 2012, p.30/34). As palavras despontam como consequência do engendrado entrelaçamento de metáforas e transposições arbitrárias resultantes da experiência consciente, em que inicialmente um estímulo nervoso (percepção sensorial) se transpõe em uma imagem mental (primeira metáfora), e essa imagem consciente (representação mental) se converte em palavra sonora (segunda metáfora). E por fim, como etapa final a formação da palavra se encerra pelo seu enrijecimento sonoro (outra metáfora).

A segunda ideia diz respeito à própria formação dos conceitos. Para Nietzsche, diferentemente de toda a tradição da cultura ocidental, da própria metafísica e, de modo muito específico, contra toda a filosofia platônica, os conceitos se formaram a partir de um apagamento das diferenças individuais entre as coisas do mesmo gênero, fazendo permanecer apenas aquilo que é idêntico, aquilo que caracteriza algum objeto e o distingue dos demais. Não há uma origem divina para a linguagem, mas um árduo processo civilizatório:

Todo conceito surge pela igualação do não-igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse ‘folha’, tal como uma forma primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, encrespadas e pintadas, mas por mãos ineptas, de sorte que nenhum exemplar resultasse correto e confiável como cópia autêntica da forma primordial²². (NIETZSCHE, 2008, p.35)

Ainda nesta obra, para Nietzsche, os conceitos oriundos de uma fonte subjetiva também são refêns do mesmo apagamento sofrido em relação aos objetos concretos; foi preciso escamotear as experiências pessoais e singulares em conceitos para que o homem pudesse se tornar inteligível para os outros - “a título de recordação, para a vivência primordial completamente singular e individualizada à qual deve seu surgimento, senão que, ao mesmo tempo, deve coadunar-se a inumeráveis casos, mais ou menos semelhantes²³” (NIETZSCHE, 2012, p.34/35). Todos os apontamentos realizados por Nietzsche nesta obra não o impedem de colocar o homem como um gênio de arquitetura:

capaz de erguer sobre fundamentos instáveis e como que sobre água corrente um domo de conceitos infinitamente complicado; por certo, a fim de manter-se firmemente em pé

²⁰ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

²¹ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

²² NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

²³ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

sobre tais fundamentos, cumpre ser uma construção como que feita com teias de aranha, suficientemente delicada que possa ser levada pelas ondas e firme o bastante para não ser despedaçada pelo sopro do vento. Como gênio da construção, o homem eleva-se muito acima da abelha na seguinte medida: esta última constrói a partir da cera, que ela recolhe da natureza, ao passo que o primeiro a partir da matéria muito mais delicada dos conceitos, que precisa fabricar a partir de si mesmo.²⁴ (NIETZSCHE, 2012, p.39)

Diferentemente da abelha que recolhe da natureza o material que precisa, o homem, por sua capacidade artística proveniente de seu intelecto, consegue fabricar conceitos que, ao fim e ao cabo, são ficções, que garantiram ao homem sua sobrevivência. É por meio desta que o homem também desenvolveu o mito, a filosofia e a arte – elementos capazes de transpor o homem para além dos limites do cotidiano²⁵.

No que tange à ideia citada anteriormente – a legislação da linguagem – encontraremos nos seus escritos de maturidade, as observações realizadas pelo genealogista. Cilento (2010) explicita que certas culturas acabaram por sistematizar, devido às funções gramaticais de sua linguagem, parentescos conceituais que acabam por dirigir e orientar o pensamento, como, por exemplo, a noção de ‘eu’ que, para o pensador, se deve a um erro gramatical. Vejamos em *Para Além de bem e Mal*:

O curioso ar de família de todo o filosofar indiano, grego e alemão tem uma explicação muito simples. Onde há parentesco linguístico é inevitável que, graças a comum filosofia da gramática - quero dizer, graças ao domínio e direção inconsciente das mesmas funções gramaticais –, tudo esteja predisposto para uma evolução e uma sequência similares dos sistemas filosóficos: do mesmo modo que o caminho parece interdito a certas possibilidades outras de interpretação do mundo²⁶. (NIETZSCHE, 2005, p.24/25)

Esta citação implica em várias considerações. A primeira é disposição semelhante das malhas gramaticais em vários círculos culturais diferentes que acabam por gerar modos de pensamento e sistemas filosóficos semelhantes. Em segundo lugar, exatamente por esta similaridade, ficam obstruídas as condições de possibilidade para (outras) alternativas. Por fim, Nietzsche denuncia que, devido a estas mesmas funções gramaticais, emerge destes sistemas o conceito de sujeito – de um ‘eu’ que se coloca como agente, como causador da ação.

Ora, em seus escritos de maturidade, Nietzsche faz incisiva crítica à concepção de sujeito, notadamente o cartesiano – herança do fenômeno socrático-platônico que imputou a ideia de “eu” como identidade, unidade racional e causal de todo ‘sentir’ e ‘pensar’ consciente. Essa perspectiva foi deposta com o método genealógico, pois entende que a consciência, conforme já explicitado anteriormente, o ‘eu’, é apenas uma parte superficial da psique. O que existe é uma multiplicidade de vontades que coabitam o próprio indivíduo e que estão em permanente entrelaçamento e antagonismo.

²⁴ NIETZSCHE, F. WL/VM, 1.

²⁵ “É uma força em nós que nos leva a perceber com mais intensidade os *grandes traços* da imagem no espelho e é de novo uma força que acentua o mesmo ritmo para além da imprecisão real. Deve ser uma *força de arte*; pois ela *cria*. Seu principal meio é *omitir, não ver e não ouvir*. É, portanto, anticientífica: de fato, não confere igual interesse a tudo o que percebe. A palavra contém somente uma imagem, daí o conceito. O pensamento conta, portanto, com grandezas artísticas. Toda denominação é uma tentativa para chegar à imagem. Nossa relação com todo *ser* verdadeiro é superficial, falamos a linguagem do símbolo, da imagem: em seguida acrescentamos a isso algo com uma força artista, reforçando os traços principais e esquecendo os traços secundários”. (NIETZSCHE, *O Livro do Filósofo*, 2007, p.27)

²⁶ NIETZSCHE, F. JGB/BM, 20.

Para Loffredo, desde as iniciais investigações neurológicas até a sua metapsicologia, Freud traçou um entendimento singular sobre a origem da linguagem como estruturante do psiquismo e do sujeito. A compreensão freudiana da interação entre consciência e linguagem tem suas raízes nos seus estudos neurológicos, precisamente em obra *Sobre a Concepção das Afasias*²⁷: um estudo crítico (1891). Freud faz a distinção entre dois tipos complexos de representação – a de objeto e de a palavra. Vamos nos deter um pouco mais sobre estes conceitos. No artigo, *linguagem e inconsciente em Freud: representações de palavras e representações de coisas*, de Michel Arrivé e Isabel Vilela, os autores explicam que Freud tinha 35 anos quando busca descrever “o aparelho da linguagem”. Assim como para Schopenhauer, a palavra (*Wort*) é uma representação, mas estes comentadores atentam para a “representação da palavra” (*Wortvorstellung*). “Para a psicologia, a ‘palavra’ é a unidade de base da função da linguagem, que parece ser uma representação complexa, composta de elementos acústicos, visuais e quinestésicos” (ARRIVÉ; VILELA *apud* FREUD, 2007, p.96). Os comentadores explicitam que a palavra é, antes de tudo, uma representação complexa, composta também por imagens ou, “dito de outra maneira, à palavra corresponde um processo associativo complicado no qual os elementos enumerados de origem visual, acústica e quinestésica entram em relação uns com os outros.” (ARRIVÉ; VILELA *apud* FREUD, 2007, p.97). Estes ressaltam que a relação entre a representação da palavra e da coisa se fundem com as questões pertinentes à linguagem a partir das análises de Freud sobre a afasia, pois nas afasias são afetadas as representações das coisas, porém não as representações das palavras²⁸.

Retomando as considerações de Loffredo sobre a obra *Sobre a Concepção das Afasias: um estudo crítico*, a comentadora afirma que, normalmente esta obra é desconsiderada no discurso psicanalítico, porém apresenta as bases para seu referencial teórico subsequente sobre a representação psíquica e a participação ativa da linguagem como estruturante do campo dos objetos (LOFFREDO, 2017). Ou seja, de certo modo, a linguagem fundamenta a possibilidade de representação das coisas para o homem, tanto como representação das coisas do mundo, dos objetos, quanto daquilo que consegue apreender de sua atividade psíquica.

Freud, depois, abandona suas investigações estritamente fisiológicas dos fenômenos psíquicos para formular sua metapsicologia. Para Strachey, “as sutilezas que estavam sendo trazidas à luz pela análise psicológica [...]”, demandavam análises no campo dos processos mentais – aos quais, a linguagem para Freud representava um pilar estratégico insubstituível à psicanálise. (FONSECA *apud* STRACHEY, J. OP II, p.54)

No *Projeto de Uma Psicologia*” (1895), identifica os processos primários e secundários, em que a palavra é o instrumento de acesso entre o inconsciente, pré-consciente e consciência.

²⁷ Perda parcial ou total da fala ou da compreensão da linguagem, resultante de lesão cerebral; afemia, logastenia.

²⁸ Destacamos aqui a passagem de Arrivé e Vilela: “De maneira plenamente coerente com sua análise, ele chega, finalmente, a distinguir três ‘classes de problemas de linguagem’: a afasia de primeira ordem, afasia verbal, que toca a associação entre diferentes elementos das representações de palavras”; a afasia de segunda ordem, dita ‘afasia assimbólica, na qual a associação entre a representação de palavra e a representação de objeto é perturbada’; enfim, as ‘afasias de terceira ordem’, que afetam ‘o reconhecimento dos objetos’” (ibid., p.128-129). A mais importante inovação conceitual e terminológica de Freud consiste em deslocar a noção de assimbolia das afasias de terceira ordem – extraordinariamente qualificadas antes dele de ‘assimbólicas’: elas afetam, na verdade, apenas as representações de coisas, sem tocar as representações de palavras – em relação às afasias de segunda ordem, que atingem efetivamente as relações entre representações de palavras e representações de coisas, isto é, precisamente as relações simbólicas.” (ARRIVÉ; VILELA *apud* FREUD, 2007, p.97)

Enquanto os *processos primários* trabalham por meio de condensação e deslocamento – conceitos que Lacan retomará posteriormente ao afirmar que o inconsciente possui uma “estrutura de linguagem homóloga” à linguagem consciente –, os *processos secundários* vinculam as representações-palavra do pré-consciente as representações-coisa da realidade exterior, abrindo o caminho para que a mediação simbólica se torne acessível à consciência. Nesse sentido, pode-se afirmar que, a linguagem é o elo necessário entre o impulso psíquico, sua representação mental e a realidade externa, integrando os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente na primeira tópica freudiana. (FONSECA, 2009, p.60/61)

Interessante notarmos que, neste quesito, Freud e Nietzsche caminham na mesma direção, ao apontarem para uma ‘legislação da linguagem’ norteadora das malhas gramaticais da linguagem, a colocam enquanto estrutura do pensamento. E, para Freud, do próprio inconsciente. Destacamos, por falta de espaço disponível apenas dois pontos: nos atos falhos e na interpretação dos sonhos.

Sabemos que, inicialmente, Freud utilizou a hipnose como método para tratar pacientes histéricos, buscando a liberação de afetos reprimidos e a resolução de traumas. Contudo, percebeu que este método tinha limitações, pois não era eficaz para todos os pacientes – muitas neuroses retornavam em alguns deles após as sessões. Posteriormente, adotou o método da associação livre, que consistia em colocar o paciente deitado em um divã para falar sobre tudo o que lhe viesse à mente, sem filtro ou julgamento.

Neste sentido, a psicanálise é, antes de tudo, uma arte, uma hermenêutica que permite o acesso ao inconsciente, serve como instrumento de leitura simbólica dos conteúdos reprimidos (sonhos, fantasias, delírios, sintomas neuróticos, lapsos, chistes). Trata-se de prática de escuta e interpretação hermenêutica, na qual transitam todos os conteúdos que comunicam os desejos e necessidades que atravessam o psiquismo de quem fala. É pela técnica da associação livre que a palavra pode ser pronunciada sem qualquer espécie de censura. O fluxo espontâneo da fala do paciente faz emergir elementos inconscientes, tais como atos falhos e lapsos da linguagem enquanto símbolos dos conflitos pulsionais.

A situação analítica é, por excelência, uma *situação de comunicação*: nela circulam demandas nem sempre lógicas ou de fácil deciframento, mas as quais, em seu cerne, comunicam o desejo e a necessidade de serem escutadas. (MACEDO; FALCÃO, 2005, p.65, *grifo das autoras*)

O analista, por meio da escuta ativa do paciente, realiza a decodificação hermenêutica na clínica psicanalista. Este fluxo inconsciente é marcado por mecanismos de condensação e deslocamento, tais como os atos falhos, chistes, lapsos e inversões da linguagem. Nele abriga-se toda a linguagem simbólica dos conflitos pulsionais. Ao interpretar essa linguagem, o analista acessa e elabora as exigências inconscientes do psiquismo. É pela conscientização da palavra e sua interpretação hermenêutica que a cura acontece. (MACEDO; FALCÃO, 2005, p.67)

A palavra se impõe, [...] a cura viria por ela, mas não mais a palavra de um sujeito ausente, que delegava ao terapeuta uma função de memória de seus conteúdos traumáticos e que colocava em ação um recurso que priorizava a sugestão. Agora, é por meio das narrativas ativas de um sujeito *acordado*, de seu discurso cheio de lacunas, da presença e ausência da palavra que o paciente passa a ser escutado. Ao retirar a palavra do que a nosografia diz sobre o paciente, Freud entrega a palavra ao próprio paciente

para que ele fale sobre si mesmo. Surge então a psicanálise, marcada pelo convite a que o analisando, em uma posição ativa diante de seu processo de cura, comunique-se e associe livremente. (MACEDO; FALCÃO, 2005, p.67)

No clássico psicanalítico *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud institui a teoria dos sonhos – ou trabalho onírico, a concebendo como caminho para ingressar às “profundezas do inconsciente”. Neste postulado, designa que todo o material do sonho recordado pelo paciente – ou seja, tudo aquilo suscetível de se chegar até a consciência – é o ‘conteúdo manifesto’. E o ‘conteúdo latente’ constitui-se do material do sonho que fica retido no inconsciente pela força do censor que inibe a “expressão no sonho, a não ser que ele seja modificado por meio de deslocamento, condensação e simbolização.” (ELLENBERGER, 2023, p.495). Uma das capitais contribuições feitas nesta obra, constitui-se justamente na articulação entre estes dois planos de sentido: é a partir da interpretação do conteúdo latente que podemos apreender o verdadeiro significado dos sonhos.

Com essa grande obra investigativa, Freud sinaliza em definitivo a guinada no discurso psicanalítico: faz cessar o referencial neurológico para articular-se com a linguagem do inconsciente, vista como um sistema arcaico, dotado de mecanismos próprios, tais como a condensação (fusão de elementos), deslocamento (transferência de importância), figurabilidade (transformação em imagens visuais) e dramatização (apresentação em cenas). Desta forma, os sonhos são muito mais do que uma narrativa simples, eles são dotados de sentido e passíveis de interpretação que se tornam o fundamento da psicanálise.

No que tange à relação entre linguagem e consciência, também não podemos deixar de mencionar a tensão existente entre a linguagem consciente promovida pelo superego com a energia pulsional. Esta busca uma satisfação sem medida, absoluta, que desconsidera qualquer regra ou moral, enquanto o superego atua em sua repressão. Em o *Mal-Estar da Civilização* (1930), Freud reitera que tal tensão provoca um “efeito de subtração”, ou seja, uma perda de energia psíquica – fruto da ação do Superego consciente, que reprime a satisfação pulsional total. (IANNINI; SANTIAGO, 2020, prefácio FREUD, 1856/1939)

Segundo Iannini e Santiago:

Em última análise, a cultura consiste na pressão que não é senão uma exigência de renúncia ao prazer ou à satisfação pulsional. No fundo, é esse fator de renúncia cultural (*Kulturversagung*) que rege o vasto domínio das relações entre os homens. O aspecto mais importante do trabalho da cultura repousa nesse princípio de renúncia às pulsões, logo na exigência de não satisfação dessas forças poderosas. (IANNINI; SANTIAGO, 2020, p.54/55, prefácio FREUD, 1856/1939)

Tal passagem reitera as discussões que realizamos sobre o processo civilizatório e sua relação com o assassinato do pai primordial e seus impactos nos âmbitos individual e coletivo.

Neste estudo comparativo entre Nietzsche e Freud, podemos destacar que a importância da linguagem é fundamental para a formação da consciência. Em Nietzsche, a linguagem se desenvolve concomitantemente à consciência dentro do processo civilizatório. A linguagem permite a formação de palavras e de conceitos que se presentificam à memória e fornecem os subsídios para elaboração das leis arbitrárias de cada cultura. Um ponto em comum concerne à legislação da linguagem – que direciona as funções gramaticais de cada língua e que direcionam

a própria estrutura de pensamento – cada um a seu modo, trabalhando nas instâncias do consciente e do inconsciente. Em Nietzsche, com a ideia do sujeito como ficção e em Freud, com a interpretação dos sonhos e dos atos falhos.

Finalizamos nossa pesquisa com a citação de Assoun:

Ambos procuram o antes, que dá conta do presente, que vale como depois; e seguem ramificações que conduzem à foz subindo a corrente. O genealogista concebe o passado como aquilo que corre nas veias do presente, enquanto o arqueólogo o encara como o que dormita sob o presente. O genealogista serve-se da origem para exibir o sentido da filiação, para qualificá-la ou desqualificá-la, para avaliá-la. O arqueólogo tende a desenterrar a origem para explicar o presente. (ASSOUN, 1980, p. 301)

Nietzsche, enquanto genealogista, se considera um psicólogo na medida em que recua à pré-história da humanidade para fazer história – história esta que engendra marcos não lineares, mas que demarcam a passagem do ‘bicho-homem’ ao ser ‘capaz-de-fazer uma promessa’, que envolve o conceito de memória da vontade, o que implica na intersecção entre memória, formação da linguagem e consciência; razão e instinto – tudo isso tendo que viver e conviver no seio da comunidade que o abriga. Este recuo evidencia também a fisiologia dos povos – senhores e escravos – e, em decorrência sua tábua de valores. Por isso, a afirmação de Assoun sobre a qualificação e avaliação destes povos: há povos fortes que enaltecem a vida e o valor da existência e outros que a denigrem em função de uma outra vida e melhor. Esta tábua de valores impacta diretamente o indivíduo em sua subjetividade.

Freud, por seu turno, percorre este mesmo caminho em direção à origem em duas frentes – na primeira retomando as origens do processo civilizatório e na segunda, buscando a compreensão dos processos individuais na infância. Este retorno à infância não é algo que se coloca no passado e é estanque, mas dormita no presente, pois os valores, o comportamento e a conduta do presente são influenciados por este passado que coabita o homem.

3.CONCLUSÃO:

O principal objetivo da nossa pesquisa foi aprofundarmo-nos no tema da formação da consciência para Nietzsche e Freud, cientes de que o espaço disponível para este trabalho não é suficiente para discorrermos em todos os pontos de aproximação e de distanciamento entre estes dois grandes teóricos da cultura. Deste modo, fomos levados à seleção de três tópicos que convidam o nosso leitor a investigações de cunho posterior. Reiteramos que Filosofia e Psicanálise pertencem a campos epistemológicos diferentes.

De modo geral, podemos inferir que consciência, portanto, é resultado do eterno conflito entre a irracionalidade dos impulsos\instintos (*Triebe*) e os aspectos racionais que advém da capacidade de entendimento do homem foram impactadas pelas leituras schopenhauerianas presente nestes autores. Nietzsche e Freud reafirmam a presença de uma instância que excede à consciência: o mundo psíquico não está limitado a ela, é apenas a ponta de um gigantesco Iceberg, denominado inconsciente, bem como encontram as relações entre os processos mentais e físicos e suas relações.

No nosso primeiro tópico, abordamos o recuo hipotético na história: a questão da origem da consciência moral que se concentra em Nietzsche nas relações entre credor/devedor –

Obligatio – que se encaminham para uma relação supra pessoal, colocando a geração presente sempre em débito com as gerações precedentes e, de modo especial, com a geração primeira. Nietzsche relacionará a formação da consciência com o próprio trajeto do processo civilizatório do homem – isto é, do ‘bicho-homem’ ao ‘ser capaz de fazer uma promessa’ (moralidade do costume). Em seguida, as ideias de Nietzsche sobre a consciência se relacionam à doutrina da vontade de potência, ou seja, ao compreender o caráter inteligível do mundo como vontade de potência, a atividade fisiológica do homem atinge os patamares do inconsciente, a consciência é o resultado das relações de força que atuam no corpo, como os instintos e as paixões. Freud parte da mesma analogia da dívida para com os ancestrais e da psicologia da interiorização a partir da repressão dos impulsos, com a narrativa do assassinato do pai primordial. Em ambos, encontraremos os conceitos de ‘má-consciência’ e ‘angústia da consciência’. Este processo evidencia a repressão dos instintos no processo civilizatório do homem: de um lado, dando origem à moralidade dos costumes; de outro, o superego – vitais para a permanência da vida em comunidade.

O segundo tópico abordou as relações entre os instintos e a formação da consciência. Para Nietzsche, o sujeito é resultado de uma produção posterior, posto que no corpo há uma pluralidade de vontades que querem dominar – o que culmina na teoria da vontade de potência – reitera a ideia de que a noção de sujeito é uma ‘ficção’, pois há inúmeros ‘eus’ (vontades) atuando no corpo, ansiosos por domínio. A consciência, enquanto expressão da racionalidade, não é outra coisa senão o resultado de atividades inconscientes atuantes no corpo: os instintos e as paixões. Estes afetos de mando – vontade de potência – atuam em cada ser vivo e no homem. As pesquisas de Freud, aliadas à teoria do inconsciente e da sexualidade humana, mostram o quão complexas são as tensões que acontecem na mente. Freud também destacou que a sexualidade começa na infância e que muitos problemas emocionais têm origem nessa fase. Na psicanálise, três conceitos principais ajudam a entender tudo isso: o id, o ego e o superego. Esses elementos estão sempre em conflito, ajudando a formar nossa consciência.

Por fim, estabelecemos a relação entre consciência, instinto gregário e linguagem. Destacamos várias ideias extraídas da obra *Sobre a Verdade e Mentira*: o intelecto como excesso, a necessidade do desenvolvimento da linguagem, já que o homem sempre viveu em bandos por necessidade e tédio, e a arbitrariedade da formação das palavras e conceitos, fruto de sua grande capacidade artística. Além disso, discorremos sobre as malhas gramaticais da própria linguagem que direcionam sistemas de pensamento, ou seja, sua estrutura gramatical que revela as condições fisiológicas de um povo, de uma cultura.

Para Freud, a linguagem se coloca como ferramenta fundamental à psicanálise, como chave hermenêutica de acesso ao inconsciente. Em *O ego e o Id* (1923), encontraremos as relações entre as instâncias definidas por Freud, pois reúne e sintetiza as ideias desenvolvidas desde “*Além do princípio do prazer*”. Vale destacarmos os tópicos em que Freud “reafirma a diferenciação entre o consciente e inconsciente, premissa fundamental da psicanálise”, estabelece que “a consciência é tão-somente uma qualidade psíquica que pode ou não estar presente, e ser consciente é um termo eminentemente descritivo, indicando o estado de um elemento psíquico caracterizado pela transitoriedade”; bem como “caracteriza o pré-consciente,

discrimina os tipos de inconsciente e aprofunda a investigação do ego, considerando a organização coerente dos processos psíquicos” (CESAROTTO, 2006, p.58).

Em um tempo em que as ciências humanas vêm sendo desqualificadas pelas políticas públicas educacionais e pela população de modo geral, reiteramos a importância da psicologia e da filosofia para a formação humana que deveriam estar presentes nas matrizes curriculares da educação básica e da graduação. Acreditamos que este conhecimento propiciaria novas alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, gerando reflexões e novas propostas. De nossa parte, procuramos com a nossa pesquisa, contribuir para estas reflexões transformadoras e atuais, que oferecem algumas chaves de leitura que iluminam compreensão dos aludidos autores.

4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSOUN, Paul Laurent. **Freud e Nietzsche Semelhanças e Dessemelhanças**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

ARRIVÉ, Michel; VILELA, Isabel. **Linguagem E Inconsciente Em Freud: Representações De Palavras E Representações De Coisas**. In *Revista Polifonia*. Cuiabá, Edufimt. V. 13 p. 93-115, 2007. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1063>

CESAROTTO, Marta Nora O. **A Consciência em Freud**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC SP, 2006. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/15564>

CILENTO, Angela Zamora. **A noção da dissolução do Sujeito em Nietzsche** in *Revista Pandora Brasil*, Nº 15, 2010. Disponível em:

https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/nietzsche/nocao.htm

_____. **Educar para o Caos: História, Cultura, Arte**

E Política Em E Para Além De Nietzsche. Tese de Doutorado no Programa de Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo, Mackenzie, 2022. Disponível em:

<https://dspace.mackenzie.br/items/4d529827-b4b2-43a5-b362-32eef354cc8>

ELLENBERGER, Henri F. (Henri Frédéric). **A descoberta do Inconsciente: uma história e evolução da psiquiatria dinâmica**. Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.

FONSECA, Eduardo Ribeiro. **Psiquismo e vida. O conceito de impulso nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche**. Tese de Doutorado em Filosofia. São Paulo: USP, 2009.

Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-28042010-120532>

FREUD, Sigmund. Obras completas: vol. 04: **A interpretação dos sonhos** (1900), Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Prefácio Octavio Iannini, Jesus Santiago. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

GIACÓIA Jr, Osvaldo. **Nietzsche como Psicólogo**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

_____. **Nietzsche Para Além De Bem E Mal**. Rio de Janeiro: RJ. Editora Zahar, 2005.

_____. **O grande experimento: sobre a oposição entre eticidade (*Sittlichkeit*) e autonomia em Nietzsche**. Trans/Form/Ação, São Paulo, 1989. 12:97-132,1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31731989000100008>

GOMES, Gilberto. **Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb**. In *Psic.: Teor. e Pesq.* 17 (3), Set 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007>

- IANNINI; SANTIAGO. FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- ITAPARICA, André Luís Mota. **As Teorias dos impulsos de Nietzsche e Freud**. Cadernos Nietzsche 42, janeiro/abril, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cniet/a/MGgtzzb6QjzBnJRy7hpMvsd/?format=pdf&lang=pt>
- LOFFREDO, Ana Maria. **Um Texto Freudiano Surpreendentemente Esquecido: Sobre A Concepção Das Afasias: Um Estudo Crítico**. Estilos clínicos. São Paulo, v. 22, n. 1, jan./abr. 2017, 166-184. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p166-184>
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. **A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta**. Psychê — Ano IX — nº 15 — São Paulo — jan-jun/2005 — p. 65-76. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 1998.
- _____. **Para Além de Bem e Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **O Livro do Filósofo**. São Paulo: Editora La Fonte, 2007.
- _____. **Sobre a Verdade e Mentira**. São Paulo: Editora Hedra, 2012.
- _____. **Ecce Homo: como alguém se torna aquilo que é**. Ed. São Paulo: Vozes, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>
- _____. **Crepúsculo dos Ídolos**. Lisboa: Ed. 70, 1985.
- OLIVEIRA, C. P. A. Fleury de **Construção Do Conceito De Consciência Em Freud, Marx E Adorno**. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 305–329, 2007. DOI: 10.5216/ia.v30i2.1316. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v30i2.1316>
- ORTEGA, Natália. Coleção saberes [livro eletrônico]: **100 Minutos para entender Freud**. – 2. ed. - Bauru, SP: Editora Alto Astral, 2022. Kindle.
- SOARES, Daniel Quaresma Figueira. **A função do corpo na Filosofia de Schopenhauer: conhecimento, metafísica e o problema da Coisa em si**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2010.tde-23032010-124103>